



Vendo o comboio.

(Cliché do dist. phot. am. Alfredo Pinto (Sacavem).)

• PROPRIETÁRIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Sousa Gomes Veltoso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Cathólica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias—Um anno, 4\$800.
Semestre, 2\$400. Trimestre, 1\$200 ^{rs.}

À cobrança feita pelo correio ou pelo entregador,
acresce o importe das despesas.

Estrangeiro — Um anno, 5\$400,

Numero avulso, 100 ^{rs.}

Numero 264

Braga, 20 de julho de 1918

Anno VI

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Melo, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

- 1.º Certidão de idade, devidamente reconhecida por notario.
- 2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não sofre de malestia actual, ou habitual (palavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcebispo, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

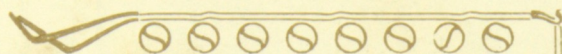
Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas de Oliveira, residente na rua de 5 de Outubro, n. 80, em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Mantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Affonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Mauuel da Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parcho de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaca.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doenca, suspensão e falta de collocação: paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo, sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João: faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas farmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no retiro do jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fora de Lisboa.



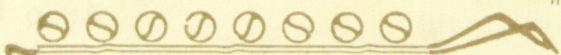
FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero



Collegio de S. Thomaz d'Aquino

BRAGA

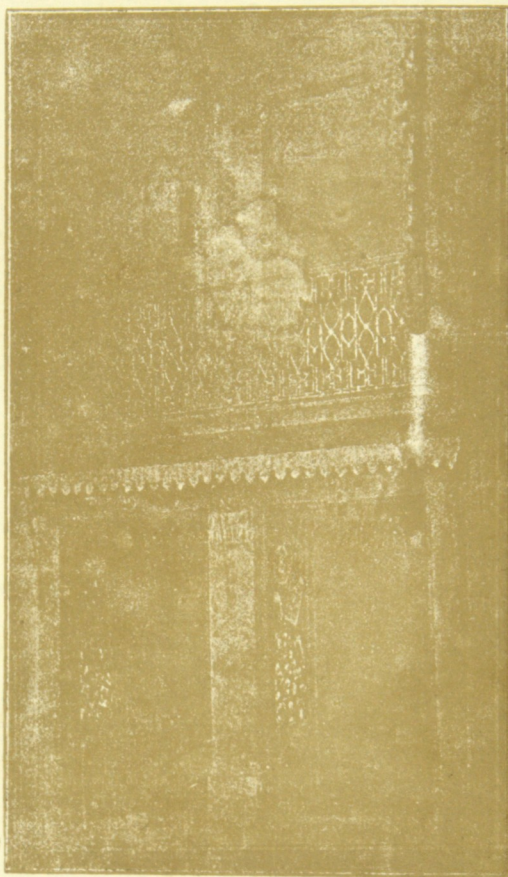
Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos
para o curso dos Lyceus, Commercial e
Instrucção Primaria.

Vago



PHOTOGRAPHIA ALLIANÇA

44, Praça Alexandre Herculano, 45

BRAGA



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

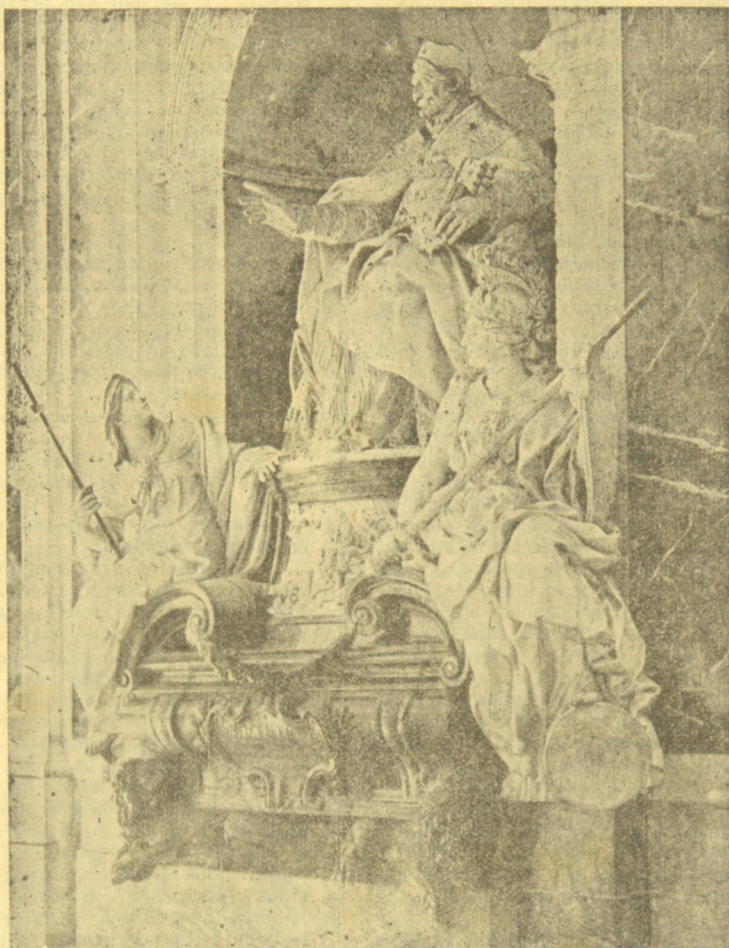
Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Veloso
EDITOR E ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 20 de Julho de 1918

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. das Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 264—Anno VI



Monumento ao Papa Innocencio XI existente na Basilica de S. Pedro, em Roma

Por José Agostinho.



JULHO decorre com uma singular doçura, desde que as trovoadas latentes, apenas mugindo e despenhando cataractas em Coimbra, estimularam comtudo o vapor d'água, tão esquecido das culturas e dos corpos requemados.

Tem havido aguaceiros. São rapidos, de dominio tão ephemero como se fôsem as rosas do guisadismo Malherbe. E os seus effeitos devora-os depressa a terra, empolgada pelo sol e por um vento que João Jacques, solidamente romantico, até quando expulsava a sua Thereza, como se ella valesse Xantippo, chamaria, sem duvida, e com applauso de Bernardin Saint Pierre e Chateaubriand, o *lugubre sôpro do Sahará...*

Mas alguma coisa ganhou o protesto da humidade. Porque essa humidade insistiu um tanto, a atmosphera alliviou-se, conquistou oxigenio, e temos tido até arripios, gentis e benemeritos, dignos, ás vezes, d'um outomno mal humorado.

E, d'ahi, a doçura climaterica em que estou mergulhado ao escrever. E, d'ahi, finalmente, a tocante substituição do typho, piolhoso e mortal, pela *hespanhola*, doença de langores, chapadamente andaluza e enervadora. Por signal que é mais deprimente do que uma *laranjada* bebida em quintal burguez, rico de couves mirradas, de escorrecias de sêguão e de decomposições de gatos rebentados pela nostalgia dos tempos.

Oh! a nostalgia dos doces e saudosos tempos, em que os bichanos tinham carapaus e ratos muito bem mantidos nas cosinhas, então livres da sovínice fatal das actuaes donas-de casa, estas mártires e também... nossos algozes!

Ora, mas n'esta doçura, grande flaccidez empolga o publico grave, de chinellos, óculos e palito opportuno. Dizem uns, que o facto vem das ultimas accumulações de *humores seccos* dos quaes fallam Hippocrates, Galeno e Avicenna, e que o senhor de Molière, um triste que ria genialmente, troçou com graça immortal.

Aventam outros, que a causa é a dança de S. Vito, em que vive, ultra-choreographico, o bom povo portuguez, apezar de a Rotunda ter imitado em 8 de Dezembro do anno passado as epopeias fraticidas do *faubourg* de Santo Antonio na Paris das barricadas.

Emfim, discorrem outros, que bicharada piolhenta, languidez, asneiras rhetoricas, conflictos de soalleiro, ratos litterarios a incharem com a anemia, corseis da grande vida, atacados de môrmo, e mais orelhudos e philosophos do que o burro de Victor Hugo — tudo isto é fructo, consequencia e significado da tão fallada — e *sentida* — crise das subsistencias.

Não discrimino nem julgo. Sei só que o meu mercieiro, homem de fartos bigodes alvos e boje mais veneravel do que toda a Maçonaria, anda pendente como o *tyrio da encosta* — na phrase unctuosa de Thomaz Ribeiro. E, comtudo, elle ganha comtudo tanto, todos os mezes, como se fôsse meu empregado, a quem eu pagasse o bastante para sustentar sem miseria mulher, filhos, o gato, o vicio do cigarro, e as despesas do Bom Jesus ao domingo, com barco no lago e umas *iscas* discretas no hotel, entre *solitarios* cheios de flores que — Deus me perdõe — são tão nocivas á esthetica como as *solitarias* ao aparelho digestivo.

Sei só... Mas aonde ia eu, se anomalias maiores me cercam como crédores em actividade mordente?

Muito é que a minha these passe em julgado, e afirma ella, que, apezar das actuaes doçuras de Julho e de aberto o parlamento — aquelle ventilador das

caniculas nacionaes — anda tudo dessorado, murcho, aguadilhento, com voz de ephebo, com ar *adelaidinha*, tão de escumilha e pechisbéque, tão de fumo, teias d'aranha e cascas d'alho, que parece vivermos na encenação d'uma frivola e permamente revista do anno.

E assim que admira agora a morbidez poetica dos proprios catholicos, dos nossos?

A reconciliação de Portugal com a Santa Sé deu, por exemplo, vivas alegrias, mas liquidaram tão depressa em impressões de indolente normalidade, que nenhum catholico se atreveu ainda a expôr o que é que o ministro de Portugal junto do Vaticano deve fazer em immediato beneficio da Igreja. Quem é que estuda, pelo menos em voz alta, a questão do Padroado do Oriente, e quem é que procura levar até á alta diplomacia da Curia o relato fiel das ultimas e surprehendedentes resoluções do governo quanto aos bens dos parochos? Não seria opportuno fazê-lo para o Summo Pontifice aproveitar a tempo os passos largos que esta republica vai dando no prestigioso caminho de Canossa?

Creio que sim... Mas a flaccidez geral não o permite, e tambem não permite simples esforços, como os dos ricos que, ameaçados pela furia cruel dos indigentes, poderiam e deveriam amparar, ao menos por penetrante egoismo, a *Sôpa dos Pobres*, a obra grandiosa do nosso Prelado insigne.

Profundo e extranho abatimento de nervos!

O phosphoro abandona os cérebros.

O sangue arterial desampara os corações.

Urgem as ideias? Julho amodorrôa-as...

Julho, ou qualquer dos agentes depressivos que n'elle imperial.

Além do que disse S. Paulo: *Passarão ceus, terra e linguas; só não passará a caridade, o amor* — ha a defeza da pelle do rico, obrigando á solidariedade immediata e larga? Pois nem corações, nem interesses, aconselhados decerto pelo mesquinho Bentham, vencem o lethargo d'este Julho, poderoso pelo panico ou pela miseria, não sei, mas positivamente conservador.

Quem tem hoje — e penso nos catholicos — a actividade sadia que ha mezes dava longes de triumphal emergencia?

As proprias lindas novenas — leitores e senhores — tem decorrido apathicas, nada concorridas de homens, apezar do perfume e ternura das solemnidades carmelitanas, que Xenophonte quizera como estimulos de pureza e euphonia.

O devocionismo masculino é sempre escandalosamente frouxo, com vanglorias de espirito forte. Mas n'este Julho, é uma fulminante denuncia, porque os varões catholicos, indo raras vezes á missa, embora sempre com a melhor fatiota que teem, fazem-no quasi todos tanto em segredo, com tão incarateristicas attitudes, que, a rigor, é como se não dormitassem na Arcada, cheios de moscas e laranjadas, e abanassem ao lume, languidos e passivos, emquanto as mulheres e as filhas rezam nos templos...

Vivemos, pois, n'uma doçura perigosa, parecida demais á dos povos da Asia Menor, e pelos modos inimiga das chronicas incisivas e scintillantes.

Entretanto, se o fel estimulador só pôde vir das conjuras dos Spartacos em voga, Deus deixe refinar ainda o *far niente*, converte-lo em calda e depois em lethargia de escabeche permanente. Quem sabe, se elle, como certas podridões, se não desentranhará de golpe miraculosamente em admiraveis e incomparaveis fructos, em rebentos de arvores radiosas que obriguem a gente a cantar e a trabalhar, rezando mais com a consciencia?

Por J. de Faria Machado.

O Padroado.

EM QUANTO O novo Ministro de Portugal, em Roma, enfardela, á pressa, ideias e gravatas, cuidou eu que o sr. Sidonio Paes estuda a serio os problemas pendentes entre as duas chancellarias e terá, a estas horas, definido a nossa maneira de proceder. Nós temos nas mãos da curia romana, além d'interesses espirituaes, que só a Egreja, pela Egreja resolve, interesses materiaes e politicos de primeira grandesa, que aos governos pertence solucionar. Durante estes longos sete annos de banditismo, os estadistas republicanos, soffregos na deglutinação do repasto lauto, descuraram absolutamente as questões internacionaes, por incompetencia d'uma diplomacia improvisada, por cegueira fatal d'um estado maior politico, que talvez pudesse luzir n'uma regedoria mas nunca teria a competencia indispensavel aos detentores dos sellos do estado.

E no dia que essa turba-multa de chancelleres quiz dar signaes de vida, foi para negociar carne d'irmãos e empurrar imprevidentemente, criminosamente, uma nação inteira, para uma guerra extranha, onde ninguem nos chamava, onde nenhum interesse d'ordem sentimental ou d'ordem politica nos atrahia afinal. Assim fomos perdendo direitos, perdendo tradições, aqui, além, por toda a parte cedendo brio e força, deixando á revelia as questões do Oriente, que o rompimento da Rotunda com a Santa Sé, punha n'uma phase critica, d'exceptional melindre. O nosso padroado ficava ao talante da Inglaterra cupida, que não perdia o ensejo, dado pela nossa fraqueza e pela nossa imprevidencia, de nos enxotar. E' que se tornava difficil apagar a tradição da nossa soberania longinqua, enquanto o padroado estivesse nas nossas mãos e, assim, a Inglaterra protestante, que jámais conseguira, em longos annos de manha habilidosa, arrancar á nação Fidelissima os seu, direitos incontestaveis, aproveitava o momento azado para empalmar á republica demagoga a derradeira tradição de Portugal. Não vissemos nós, curando da patria no Oriente longinquo, essa grande alma de santo,

esse brilhantissimo espirito d'apostolo do illustre Prelado de Meliapor,—não tivesse Roma designado para Patrono dos interesses portuguezes o grande e carinhoso de la Chiesa e ha muito que o padroado se tinha esboroado e perdido para gaudio da ambição inglesa—para vergonha dos democraticos liquidadores da nação.

Com o reatamento das nossas relações com a Santa Sé, acontecimento que encheu de jubilo o paiz inteiro, evidentemente se vae entrar n'uma nova phase que, bem comprehendida e aproveitada, muito e muito nos pode favorecer. Refundida a lei de separação, reformada, como não pode deixar de ser, no que essa lei infame contém de sectario, de vexatorio, para a consciencia catholica do paiz, a solução da questão do padroado do Oriente impõe-se, não só, como uma justa satisfação dada á Egreja offendida mas ainda como um grave e melindroso problema nacional, que seria crime não resolver.

A questão dos padroados vae ser um dos problemas mais interessantes a debater na conferencia de paz e, ou nós aproveitamos este momento excepcional, em que a Inglaterra, totalmente absorvida pelos lances tragicos das batalhas, não poderá intervir no assumpto, ou muito teremos que re- criminar-nos ante a sorte pouco lisongeira que a paz nos conceder.

A propria França já faz contradançar de Paris para Roma, com cartas de Clemenceau e protestos de Poincaré, o catholico Cochyns, sómente porque o padroado da Armenia a preocupa já demasiado.

O preço da attitude de Roma, será a questão dos padroados e Roma mais uma vez, ha-de vencer. Porisso, até nós deveriamos aproveitar este quarto d'hora de condescendencia, que nas mulheres como nas chancellarias não se repete mais e solucionar-mos a questão d'Oriente, com o que sr. Sidonio Paes prestará um grande serviço ao paiz mostrando-lhe tambem que o novo Ministro em Roma é tão bom diplomata como bom cavalheiro.

E isto tem d'ir a galope... ou não vae.



SERÕES AMENOS

DE FREY GIL DA SOLEDADE,
EGRESSO DA FALPERRA.

XLIV



ÃO é uma das menores glórias do nariz o ter-se alliado intimamente á immortalidade de varios nomes.

Não me refiro á homenagem que lhe prestaram varias terras tomando o seu nome, como Naso, na Sicilia, cidade de 10:000 habitantes. Em Portugal ha uma freguezia no districto de Aveiro, que se chama *Nariz*, com todas as letras. E por causa d'este Nariz houve em 1872 graves discussões no Parlamento portuguez, que já então, pelo que se vê, tratava de coisas serias. Se o *Promontorio dos narizes*, de que falla Sterne (veremos isso) éra uma phantasia, não o são aquelles dois cabos da costa franceza, que parecem fariscar a Inglaterra, e a que os Normandos puzeram os nomes de *Grisnez* e *Blancnez*: *nariz branco* e *nariz pardo*. Da Inglaterra, farejam outros cujos nomes terminam em *ness*. Parece até que a costumeira de chamar *narizes* aos cabos já é antiquissima, como o leitor poderá ver, a propósito do famoso cabo *Mykale*, na Grecia, consultando os *Principios de Etymologia Grega*, de J. Curtius, na *nariz muk*, do verbo *apomusso*, que significa assoar-se.

Este auctor discorda um pouco do auctor do capitulo italiano com que iniciamos esta nasographia, pois entende que "embora os promontorios se chamem narizes... devemos considerar *asilhas*: *nesos*, mais como *nadadores* do mar, da *nariz no*: nadar, do que como *narizes do mar*..." (Veja *Curtius*, ob. cit. II vol. pag. 397 *mih*).

O assumpto d'este meu capitulo é bem mais interessante. Que nomes celebres devêram, por alguma circumstancia seu nome ao nariz? Cifarei, por brevidade, só alguns.

Quando Cyrano de Bergerac, no fim do 1.º acto da peça de E. Rostand exclama:

Noi, tout seul, sous la plume
Que la gloire elle-même á ce feutre piqua,
Fier comme un Scipion triplement Nasica!...

apresenta-nos um d'elles o famoso Scipião *Nesica*, o valente companheiro de Paulo Emilio, e que foi assim chamado, notam os auctores, a *maioribus naribus* por ter o nariz grande, e adunco — o que não lhe impediu ser grande general e obter pela brandura de seus costumes o outro cognome de *Corculum*: *Coraçõesinho*.

Illustrissima foi tambem em Roma — e em Sulmona — a familia dos *Nasones*, assim chamados, ou porque o primeiro membro illustre da estirpe, ou toda ella, por hereditariedade, se notabilizara pela grandeza do nariz. Para gloria dessa familia bastaria ter brotado d'ella o immortal Ovidio, que pelo privilegio dos grandes homens é mais conhecido por este só nome, mas que era, ao todo, Publio Ovidio *Nasão*, como quem diz Publio Ovidio *Narigão*. Observarei, a respeito da hereditariedade da forma do nariz, que no Porto uma das mais illustres familias apresenta um caso typico d'essa persistencia, chegando a dizer-se um nariz *Samodães*.

O nariz no onomastico

A um certo Varrão, sophista, ficou-lhe o nome de *De-largus* por ter o nariz em forma de bico de aegonha.

Mas cesse tudo o que poderíamos dizer sobre o assumpto, (1) porque vamos evocar um nome, que só por si basta para firmar a gloria do nariz. Enquanto houver quem saboreie as obras do principe dos oradores romanos, o nome de CICERO immortalizará um defeito do nariz. Abramos respeitosamente as *Vidas Parallelas* de Plutarcho, e ahi (Cicero, I) leia-se:

"Parece que o primeiro d'esta familia cognominado Cicero (que alguns escriptores portuguezes nacionalisaram em *Cicerão*) fôra pessoa digna de estima; por isso os descendentes não desprezaram este cognome, antes o abraçaram de bom grado, embora objecto de mofo para muitos; porque os Latinos chamam *Cicer* ao grão de bico, e elle teve na ponta do nariz um borbulhão, ou nascida, á guisa de grão, donde lhe veio a alcunha. Este Cicero de quem agora escrevemos — o orador — ao propor-se á primeira magistratura, quando entrou a tomar parte na vida publica, tendo-lhe alguém aconselhado que deixasse aquelle nome e o trocasse por outro, respondeu, segundo se conta, com ardimento juvenil, que procuraria por todos os meios que o nome de Cicero viesse a mostrar-se ao mundo mais glorioso que os Scauros e Catulos. (2) Mais tarde, sendo questor, que quer dizer thesoureiro, na Sicilia, e mandando fabricar varios vasos de prata, para os suspender nas paredes do templo, como dadiwa aos Deuses, mandou esculpir n'elles os dois primeiros nomes *Marcos* e *Tullio*; mas em vez do terceiro, motejando, ordenou ao artista que junto das letras esculpisse um grão de bico. Isto é o que se acha escripto quanto ao seu nome."

Sympathico Cicero! Com a decima millionesima parte do quarto do valor d'elle, vi eu já alguém, publicados os seus primeiros versos ephemeros, dar-se a pèrros para esconder o nome de familia, que não revelarei aqui, mas que era... comestível, como o grão de bico dos ascendentes do grande orador.

Em compensação acabo de ler no ultimo n.º da *Juventude* de Portalegre, que chegára aquella cidade o sr. Antonio Rapozo *Repenicado*.

Ainda ha portuguezes!

(1) Seria interminavel a lista dos nomes e alcunhas nasas. Só a Italia foi um alfofre de Nasinis (narizinhos), como em Sena Francisco, Antonio, José e Apollonio Nasini, todos pintores; e Sebastião Nasolini, musico, de Piacenza, etc. Ha annos um ministro italiano chamava-se *narizes*: Nasi. Deu muito que falar, não só por ser mação, e grande trunfo em maçonaria, mas tambem porque foi apanhado a rôubar museus para adornar as suas casas de campo, pelo que ouve nos templos dos ir... em form... escand... Pedro Nariz de Prata, *Nez d'argente*, foi uma das victimas das luctas religiosas em França. Foi enforcado em Paris por fautor da Reforma. O nome viera-lhe de ter perdido o nariz numa briga, tendo-lhe fabricado um de prata o famoso Ambrosio Paré, de quem algum dia falaremos, ao tratar de ovos.

(2) Para saborear todo o pingo da resposta de Cicero convem saber que *scauros* significa: de calcanhares saídos para fora e *catulus* — cachorro. Os *Scauri* e *Catuli* eram nomes de boas familias de Roma.

Lourenço Justiniano da Fonseca e Costa

L Oliveira do Hospital, provincia da Beira, terminou piedosamente os seus dias de peregrinação terrena, a 4 de março, com 81 annos e meio de idade, o grande benemerito que se chamou Lourenço Justiniano da Fonseca e Costa. Nascido a 14 de julho de 1836, fez a sua formatura em Direito na Universidade de Coimbra, em 1858. Senhor de uma boa casa, que sempre administrou com grande fino e economia, dispunha por isso de rendimentos que lhe permitiam dar largas á sua grande generosidade e ardente caridade.

O seu trato fidalgo e distincto, a sua conversação atraente e animada de grande vida, a forma intelligente e cheia de brilho com que discutia os problemas mais palpitantes, já na vida social e politica da nação, já dos interesses regionaes, de que era apaixonado defensor, a bondade inata do seu coração, por vezes mal escondida sob rapidos lampejos de irritabilidade, que logo se extinguiam, o calor apaixonado com que promovia e defendia os interesses dos numerosos amigos, que sempre antepunha aos seus proprios, não hesitando em se sujeitar por elles a trabalhos, despezas e grandes sacrificios quando era necessario — tudo isto concorria para que o Dr. Lourenço fosse amado e respeitado por todos, quantos d'elle se aproximavam. Era grande a sua caridade, os seus soccorros iam longe, e atingiam muita gente. Acodia a uns com o conselho sempre bom e prudente ou com a consolação espirital, a outros com a esmola temporal: mas encobria e velava esses auxilios com tal segredo e mysterioso disfarce, que os socorridos não sabiam uns dos outros.

Quando porém a doença o tocava, quando a perseguição politica o offendia, o que succedeu varias vezes, então é que apparecia a multidão dos que lhe eram devedores, para o cercarem de um cõro de benções, e manifestarem publica e solemnemente os seus méritos e virtudes. Profundamente christão, filho zeloso da Santa Egreja, grande defensor das Ordens religiosas e em especial da inclita Companhia de Jesus, não perdia occasião de manifestar pela palavra e por obras as suas crenças religiosas, as suas opiniões sincera e arreigadamente catholicas. A capellinha de S. Lourenço Justiniano, que mandou construir junto da sua casa, e onde mantinha esmeradamente o culto com capellão privativo, era um centro religioso, donde bastantes fructos de piedade dimanaram. Teve a honra e consolação de as-

sistir alli ao Santo Sacrificio da Missa celebrado por sacerdotes de alta gerarchia, taes como Monr. Julio Tonti, hoje cardeal da Santa Egreja romana, o Rev.^{mo} Bispo do Porto D. Antonio Barroso, o santo religioso irlandez Patrick Bernard Russel, o sabio jesuita Padre Antonio de Menezes, o virtuoso lente da Universidade de Coimbra Dr. Francisco Martins, o sabio lente da mesma Universidade Dr. Antonio de Vasconcellos que como amigo particularissimo do Dr. Lourenço, foi quem benzeu a capellinha e celebrou n'ella a sua primeira missa solemne, o prestigioso prior da Encarnação em Lisboa Dr. Garcia Diniz, etc.

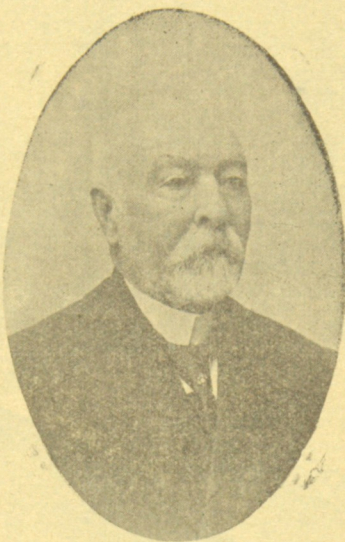
Ainda ha pouco o Ex.^{mo} Bispo-Conde D. Manoel Luiz Coelho da Silva, ao fazer a visita pastoral á villa de Oliveira do Hospital, revestiu os ornamentos pontificaes n'esta capella, donde sahiu processionalmente para a egreja matriz. Tambem alli assistiu á Missa S. Alteza o Sr. Infante D. Affonso, quando em 1891 foi hospede do Dr. Lourenço Justiniano.

A ultima doença d'este benemerito foi rapida, roubando-o em cinco dias. Apenas cahiu enfermo, teve logo a intuição de que ia morrer, e espontaneamente requisitou os sacramentos da Penitencia e Eucharistia, embora tivesse poucos dias antes cumprido o preceito quaresmal. Era um domingo pela manhã: ia celebrar-se a Missa na capella. Lembrou-se-lhe que podia ir o Sagrado Viatico da capellinha, occultamente e sem apparato. Que não, respondeu; desejava que viesse da egreja matriz processionalmente e com a pompa costumada, para que bem soubessem que morria como christão. Foi um acto altamente impressionante.

Toda a gente da villa, cheia de commoção e derramando lagrimas, correu a acompanhar nosso Pae, que ia consolar e confortar o grande bemfeitor do povo! Quando o fim se aproximava, pediu e recebeu com grande piedade a extrema-unção, conservando-se perfeitamente lucido até expirar no osculo do Senhor.

O seu funeral, que se realisou com simplicidade e sem pompa por expressa determinação testamentaria do fallecido, foi uma sentidissima e imponente manifestação do enorme prestigio de que gosava em toda a região da Beira, e do grande e doloroso sentimento que a sua morte causava a todos.

Aos nossos leitores pedimos uma fervorosa prece pelo seu eterno descanso.



ROSALIA

Novella de Ivan Strannick

NUM triste dia de inverno, o sr. de Miremont, septuagenario e debil, reen-
trava em casa, a passos rapidos,
carrancudo, como se viesse fugindo
a algum mendigo impertinente. Baixava os olhos,
receoso de topar algum amigo, e se não queria
parar, menos ainda, sob aquelle tempo tão as-
pero, queria descobrir a careca friorenta.

Voltava do banco e
ia fazendo mentalmente
as suas contas. A sua
fortuna era já imponen-
te; tratava-se para elle,
de a gosar o mais tem-
po possivel e á sua livre
vontade, que o mesmo
é dizer amontoál-a com
phrenesi.

Chegou a casa sem
estorvo e, sempre no
mesmo passo meúdo,
penetrou no seu gabi-
nete de trabalho. Apoz
uma furtiva inspecção
do aposento, sentou-se á
meza, encurvu o cos-
tado, afastou os coto-
vellos, tornou a contar
occultando com as mãos,
o seu dinheiro, e por
fim, fechou-o á chave
n'uma gavêta secreta.

Todas as vezes que
o sr. de Miremont trazia
dinheiro, o que frequen-
tamente acontecia, por
que elle só guardava em
casa pequenas sommas,
experimentava inquieta-
ções febrís. No entanto os creados soffriam e,
como elles sua sobrinha Dorotheia...

Apenas metteu a chave no bolso, pensou
que se enganára, que tinha perdido uma nota;
e ia a recommençar a contagem quando arranha-
ram á porta.

Fez logo uma carêta. Evidentemente espiava-
vam-no; divertiam-se a importunal-o quando
elle queria estar sósinho!...

O sr. de Miremont era curioso por natu-
reza, e andava perpetuamente alarmado!...
Algo se passava talvez em casa que elle fosse
o unico a ignorar ainda.

— Entre! rosnou elle.

Dorotheia appareceu no limiar. Era baixa e
magra; tinha admiraveis cabellos pretos, uns
olhos azues estranhamente claros e tranquillos,
movimentos ligeiros, leves, e um porte austero.
Contava trinta annos e parecia ter ora quinze,
ora quarenta.

Ao entrar, ella não olhou para o lado da
gavêta, como o sr. de Miremont totalmente re-
ceára: olhou para elle,
bem de frente, com os
seus olhos impassiveis.
O que ella lhe disse, po-
rém, referia-se a dinheiro
e pareceu causar imme-
diato desgurado ao sr.
de Miremont.

— O nosso esfrega-
dor morreu hontem á
tarde. Deixa mulher e
tres filhos na miseria.
Ando a fazer uma col-
lecta para elles. Quer
dar-me alguma coisa?

O sr. de Miremont
encolheu os hombros,
apertou mais as mãos,
uma á outra, e garga-
lhoteou com um ar de
desprezo:

— Anda a fazer uma
collecta, bonito! Metta-
se na vida dos outros e
dê dinheiro, dê muito di-
nheiro, porque o tem, a
poder atiral-o pela janel-
la fóra!... Mas não me
venha pedir nada!... Eu
não posso encarregar-me
de todos os mandriões

que não querem tratar de si sósinhos...

Dorotheia ó tinha um pequenissimo rendi-
mento. Cuidava do tio como a mais dedicada
das governantas, mas nunca tivera occasião de
acceitar d'elle o que quer que fosse.—do que aliaz
não se lastimava.

— Tenho dado o que posso, disse; os crea-
dos tambem se quotisaram...

— Está muito bem, repito! Os que me não
roubam podem permittir-se generosidades...

A indignação do sr. de Miremont crescia
de minuto a minuto. Esganiçava, interrompen-
do-se com risinhos sardonicos, phrases cor-
tantes e tolas. Dorotheia deixava-o fallar. Du-



... e por fim, fechou-o á chave n'uma gavêta secreta.

rante bastante tempo mesmo ella acirrou essa cólera senil argumentando sempre a favor dos seus protegidos. Depois, foi-se embora, tão serena como tinha vindo.

O sr. de Miremont derrubou-se todo na sua cadeira de braços.

— Não-de atormentar me sempre! murmurou.

Ainda quiz zangar se mais: mas teve de re-

quête para lhe provocar uma distensão dos velhos nervos doentes. Abandonado a si mesmo, ter-se hia atormentado por muito tempo.

*

Dormiu um pouco na cadeira, deu cinquenta vezes a volta ao jardim e á hora do jantar — acontecimento importante na sua vida — ti-



Grupo de sacerdotes que concluíram o seu curso no Seminario de Braga, no anno de 1893 e que se reuniram no Bom Jesus do Monte, no dia 2 de Julho de 1918, para celebrarem as «Bôdas de Prata».

Da esquerda para a direita: 1.º plano — P.º João José Gonçalves (Parocho de Rio Tinto, Espozende); P.º Luiz Antonio d'Almeida, (Director Espiritual do Seminario); P.º José Martins Barreto Junior (Professor do Lyceu de Braga); P.º Alexandrino José Leituga (Abade de Santa Maria do Abade de Neiva, Barcellos); P.º Antonio José Taveira (Abade de Lamações, Braga).

2.º plano — P.º Arthur da Conceição Ferreira Campos (Parocho de Gondomar, Guimarães); P.º José Maria de Souza (Abade de Esqueiros, Villa Verde); P.º Alberto Adriano Pinto Basto, Abade de Louzado, Famalicao); P.º João Fernandes do Barreiro Junior, (Parocho de Covas, Cerveira); P.º Francisco Leite de Faria (Azurem, Guimarães); P.º Antonio José da Silva Mattos (Parocho de Chavão, Barcellos).

3.º plano — P.º José Gomes Junior (Parocho de S. Bartolomeu do Rego, Celorico de Basto); P.º Joaquim da Costa Subida (Aver-o-Mar, Povoia de Varzim); P.º Boaventura Hilario Pires (Abade de Rossas, Vieira); P.º Manoel José da Silva (Parocho de Monsul, Povoia de Lanhoso); P.º Albino José Alves Dias (Parocho de Moure, Povoia de Lanhoso).

conhecer que a sua provisão de cólera estava esgotada. Sentia se mais á vontade, mais lucido do que antes da visita de Dorotheia. Este pequenino incidente, desagradavel em si mesmo, havia-o arrancado á obsessão dos numeros, tornado a mergulhar na vida habitual.

Era o que Dorotheia queria. Com o infallivel instincto d'uma enfermeira, sabia sempre o que se passava no espirito de seu tio. Vira-o irritado desde a manhã e tinha-lhe fallado da

nha o semblante dos melhores dias. Comeu attentamente, muito e devagar. Teve pouco que dizer ao *menu*, muito differente e bem mais copioso que o de sua sobrinha.

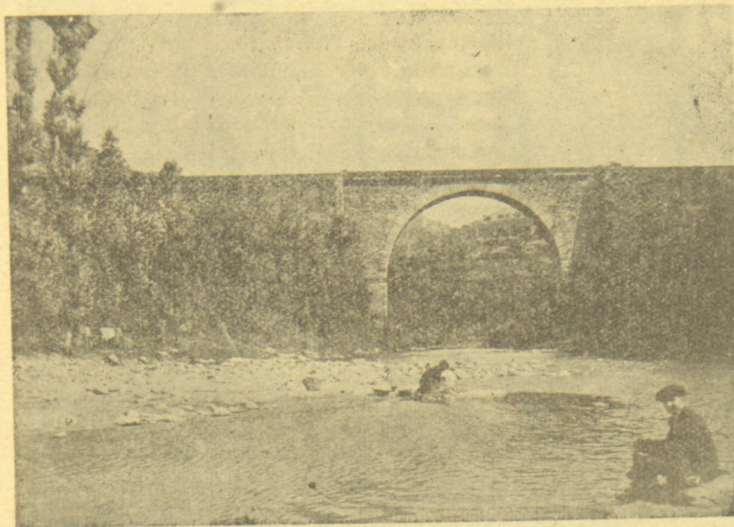
Cada tarde, apoz o jantar, Dorotheia esforçava se por estabelecer entre ella e seu tio uma conversa amena, evocando as recordações mais caras para elle. Isto pacificava o comsigo mesmo antes de dormir. Dorotheia já o observára: aquelle singular bom sujeito, egoista e

endurecido, gostava de provar que tinha suscitado muitas afeições.

N'aquella tarde disse ella, por acaso, erguendo os olhos para um retrato d'uma senhora edosa:

— Que rosto tão encantador e tão doce!

Esta phrase já servira tantas vezes em semelhantes occasiões, que Dorotheia duvidou da sua efficacia. Reforçou-a no entanto, mais caridosamente adulara:



Régua — A ponte sobre o Varosa
(Cliché do dist. phot. sr. Antonio Teixeira).

— Parece-se muito com sua mãe, meu tio. São os mesmos traços... mulher honestissima! E gostava tanto de mim! Recordar-se, Dorotheia, d'ella gostar muito de mim, não recorda?

Quando a velha sr.^a de Miremont morrerá, Dorotheia tinha doze annos. Lembrava-se sobretudo, porque só isso notára, de que ella tinha medo do filho. Muitas vezes, torcendo as mãos, a ouvira dizer: «Paulo vem já ahi fazer scenas commigo!»; mas poupava-o, porque era o mais velho da familia, o unico rico e por que á força de pedidos, lhe extorquia dinheiro para os outros filhos, bem apessoados mas máus — e todos já mortos.

— Sim, respondeu docemente Dorotheia, ella punha toda a sua confiança, toda a sua esperanza no tio...

— Meus irmãos deram-lhe tantos desgostos!... Sabe d'isso, Dorotheia?...

— O tio ao menos compensava-a d'essas

máguas... O rosto do sr. de Miremont illuminou-se. Quiz remexer ainda recordações mais preciosas:

— Era amiga de minha mulher, Dorotheia... Ella era linda, ah! muito linda, e tão dedicada...

— Sim, repetiu Dorotheia, era bonita.

E depois em voz mais baixa:

— Era-lhe absolutamente dedicada...

E ambos se callaram por momentos.

Dorotheia pensava n'aquella repariga que o sr. de Miremont, já velho, desposára. Morrera trez annos depois do casamento, affirmando que era feliz, perfeitamente feliz; e repetia-o incessantemente como para se persuadir a si mesma, mas havia um grande desespero no fundo do seu olhar, e o sorriso só ao morrer voltou a poisar-lhe nos labios.

Dorotheia e seu tio caminhavam enquanto iam conversando; atravessavam aposentos que se seguiam de enfiada, voltaram depois lentamente sobre os proprios passos. O sr. de Miremont procurava com os olhos alguns objectos, testemunhos da sua bondade, da affectuosa gratidão que elle inspirára. Não achou nenhum



Amarante — As ex.^{mas} senhoras D. Maria Thereza, D. Maria Luiza Coimbra, D. Georgina Bessa, filha do sr. Juiz Dr. Annibal Bessa e D. Maria Christina Soares, filha do fallecido Dr. Sebastião Nogueira Soares.

e parou finalmente deante d'um velho armario onde estavam enfileirados os seus livros, cadernos e desenhos de estudante. Sua mãe fechára

alli aquelles objectos queridos que haviam pertencido a seus filhos ; mas, a pouco e pouco, o sr. de Miremont atirára fóra e queimára tudo o que não era d'elle, guardando como reliquias as suas papeladas infantís.

Fez uma minuciosa inspecção áquelle museu, admirou um desenho, examinou a sua assinatura de garotêlho pretencioso.

— Está muito bem, disse Dorotheia, é mesmo muito arrojado o lanço da lettra. . .

Mas, de repente, o sr. de Miremont franziu o sobrolho. Acabára de dar com um sobrescripto côr de rosa que elle não conhecia e que era como profano n aquelle sanctuario.

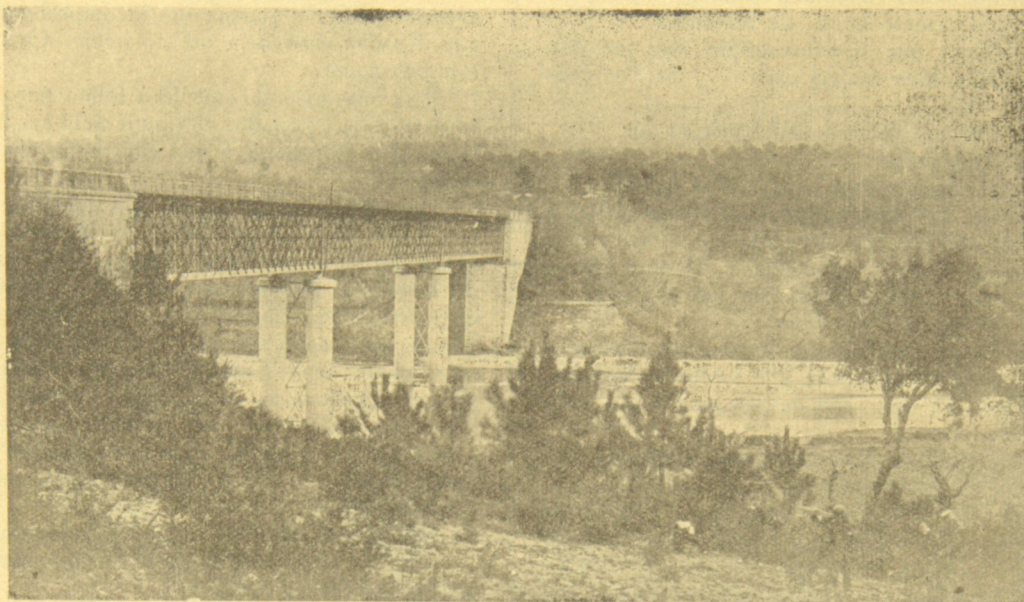
— E' preciso deitar isto fóra, disse elle a Dorotheia, mostrando-se desgostoso do achado. Nada de coisas inuteis, de velharias ridiculas..

sobre um ramo louro, um coração traspassado por uma frêcha, um pensamento. . .

Que ridiculas cartas se deveria escrever em semelhante papel ha tantos annos ! pensou.

Dorotheia recordou as maneiras ceremoniosas, excessivamente amaveis e enfadonhas d'aquelles velhas senhoras que tinham rodeado a sua infancia. Faziam-se, umas ás outras, um nunca acabar de cumprimentos, enfeitavam o mais pequenino bilhete — um convite para jantar, o pedido d'uma informação banal — de ternos protestos, quasi de juramentos. Que seriam as suas cartas d'amor? . . .

Dorotheia sorriu um pouco, com melancolia. E teve a phantasia de querer imitar uma d'essas cartas d'amor ! Seria encantador n'aquelle velho papel, ornado de pombinhas. . .



Barcellos — Ponte metallica sobre o Cavado.

(Cliché do dist. phot. A. Soucaux).

E atirou o sobrescripto para um canto. A ternura passara-lhe. Teve medo de dormir mal. Separou-se de Dorotheia resmungando.

*

Dorotheia era tambem infeliz. O seu repertorio de gratas recordações era na verdade muito reduzido; e repetido assim, todas as tardes, parecia empobrecer mais ainda. Já não sentia força para extrahir todo o partido possivel d'essa pequena forte emoção : a velha mãe, a jovem esposa. . . Para mais, lembrava-se do que essas duas mulheres tinham soffrido.

No quarto, abriu machinalmente o sobrescripto côr de rosa, que havia apanhado do chão. Só tinha umas folhas de papel de carta, amarello, fanado, mas intacto. Cada folha era ornada d'uma vinheta sentimental: duas pombinhas

A tinta era fresca demais, demasiado brutal. Desfel-a n'uma pouca d'agua; depois cerrando os labios e tregeitando sem dar por isso, traçou em leve orthographia elegante e um pouco antiga, phrases suaves. Dirigia-as ao sr. de Miremont a quem chamava «amigo muito amado». Dizia-lhe a sua admiração, achava-lhe uma alma delicada e generosa, um genio incomparavel. Confessava-lhe a jubilosa perturbação que experimentara nos rapidos encontros que com elle tivera nos salões, e o seu desespero quando o vira afastar-se ou fallar com outras. . .

Tudo isto era dicto um tanto contrafeitamente, mas com gentileza. Para impedir que a paixão transparecesse demasiado franca—Dorotheia não poderia escrever como amante feliz—alludiu a um sagrado dever que collocava entre a amorosa dama e o sr. de Miremont uma intransponivel barreira.

Era precisa uma assignatura. Ao acaso rabisou a de *Rosalía* e achou que ficava a matar.

Releu a sua obra: era uma pequenina maravilha de ternura d'outro tempo. Sempre para se divertir, pegou n'outra folha. *Rosalía* balbuciou ainda, e mais uma vez foi tímida, e sobre tudo reconhecida, exaltando o caracter cavalheiresco de Paulo, o seu respeito heroico por ella. Na quinta carta, porém, *Rosalía* solçou, quebrada por uma inevitavel e definitiva separação.

Dorotheia já não ria. Dobrou cuidadosamente as suas cinco cartas, metteu-as no sobrescripto côr de rosa, depois de o ter esvasiado das folhas inseridas, e juntou-lhes um lacinho, uma luva e algumas flôres sêccas...

No dia seguinte de tarde, depois do jantar, ficou muito espantada consigo mesmo ao dizer audazmente ao sr. de Miremont:

—Creio que o sobrescripto que me deu para deitar fóra contem cartas... Será conveniente vêr...

—Cartas? Tem-no ahi? Dê-m'as cá.

—Aqui estão.

Ella tremia e sôbia que estava palida.

O sr. de Miremont mandou vir as lunêtas e poz-se a lêr de pé, estendendo a folha para a luz da lampada. De repente, a sua mão agitou-se, e disse a sua sobrinha em voz alterada:

—Deixe-me, faça favor!

Dorotheia sahiu, mais morta do que viva.

Ao cabo d'uma hora, elle tornou a chamal-a. Mudára; era velho sem duvida, mas alegre, confundido, terno.

—Dorotheia ouviu alguma vez fallar de *Rosalía*?

— Talvez, balbuciou ella. Sim... creio que a minha ama me fallou uma vez d'uma senhora muito linda, que se chamava *Rosalía*...

— Sim, sim... Mas *Rosalía* de quê? Como? Diga-me o nome todo, deve sabel-o...

— Não, eu era pequenita... a minha velha ama morreu ha tanto tempo!

— *Rosalía*! ah! ingratidão do coração humano! Quasi a esquecerá! Agora mesmo nem o seu apellido sei... Foi preciso o acaso do achado d'este obrescripto, acaso providencial...

E escondeu o rosto nas duas mãos. Quando as retirou, Dorotheia viu que elle chorava: ella mesma tremia de commoção e esperava enciosamente.

O sr. de Miremont por fim declarou com solemnidade:

—Dorotheia, posso dizer-lh'o, porque é este o mais infinitamente bello e puro episodio da minha vida: *Rosalía* adorava-me!

E Dorotheia julgou desmaiar d'alegria.

*

A partir d'aquella tarde, a existencia do tio e da sobrinha transformou-se. *Rosalía* amparou-o maravilhosamente. Quando o sr. de Miremont queria louvores á sua bondade, achava-os nas preciosas cartas. Eram provas palpaveis, evidentes... Pouco a pouco applicou-se a bem merecer esses louvores; não tornou a irritar-se contra os pobres e reparou que Dorotheia se privava do menor luxo. Poz-se a animal-a, como podia; e dizia-lhe sorrindo:

— Em bem sei que pensa que sou um duro avarento, mas foi sempre um incomprehendido, mas *Rosalía* essa bem me conhecia. Ora leia esta passagem...

E dobrando pudicamente a folha para que as phrases apaixonadas não pudessem ser lidas, indicava a Dorotheia o que ella podia vêr sem indiscreção.

Bem depressa Dorotheia, ella tambem, passou a acreditar na existencia de *Rosalía*. Mil graciosos detalhes vieram agrupar-se em volta do bemfazejo phantasma e dar-lhe uma realidade indiscutível. Cada fitinha do sobrescripto côr de rosa, cada flor secca, e sobretudo a luva, tinham uma historia tocante e sublime. Quando pensava eu em *Rosalía*, Dorotheia fechava os olhos e via uma mulher encantadora e modesta, de bandós muito lisos, longas pestanas descidas, e até lhe parecia sentir um delicioso perfume.

D'uma vez, disse-lhe o sr. de Miremont:

— Vale muito, minha filha, ter tido um semelhante amor na vida!

Ella chorava enternecida.

— Abençoemos *Rosalía*, continuou o sr. de Miremont, ella foi a grande felicidade da minha juventude. A sua recordação ainda faz o encanto da minha velhice, e...

Hesitou um momento, e depois acrescentou mais baixinho:

— ... e torna-me melhor.

E Dorotheia respondeu com verdadeiro fervor

— Abençoemos *Rosalía*!

A Illustração Catholica querendo render uma justa homenagem aos soldados portuguezes mortos, feridos, desaparecidos e prisioneiros nos campos de batalha de França e Africa vem por este meio rogar aos seus ex.^{mas} assignantes, collaboradores, correspondentes e leitores o obsequio de conseguir das familias d'estes heroes as suas fotografias para aqui serem publicadas em logar proprio. Restituem-se as fotografias apoz a sua publicação.

Depois de lida enviar esta revista á *Junta Patriótica do Norte*, [Paços do Concelho, Porto] a fim de esta a mandar para os nossos soldados no "front".



O alferes de artilharia 2. Armando do Patrocínio Guedes, condecorado com a Cruz de Guerra pelos serviços prestados em campanha no «front».



Josê Antonio de Freitas
2.º sargento expedicionário, fallecido em Moçambique a 19 de Fevereiro de 1918.

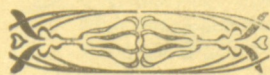
GUERRA EUROPEIA



A tripulação de um navio hospital, ancorado em um porto de Inglaterra, assiste a uma missa celebrada a bordo.



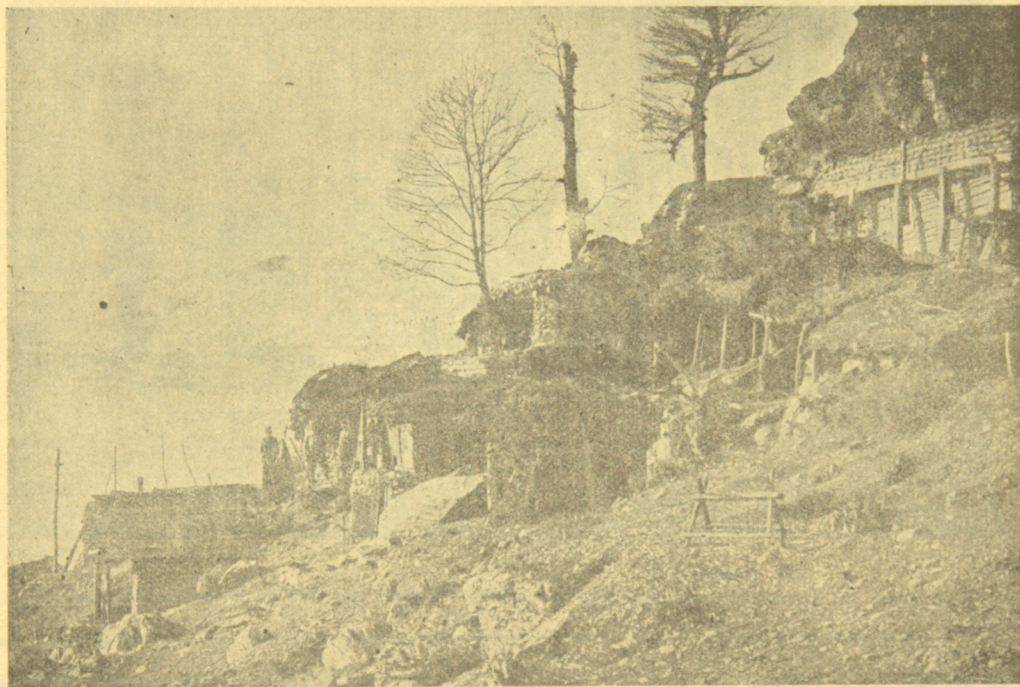
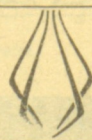
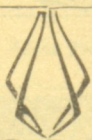
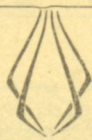
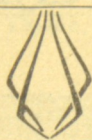
A rainha Maria de Inglaterra, acompanhada da esposa do almirante Beatty passa revista a um corpo de enfermeiras.



Soldados ingleses comendo o rancho depois de um violento combate perto do rio Piave.

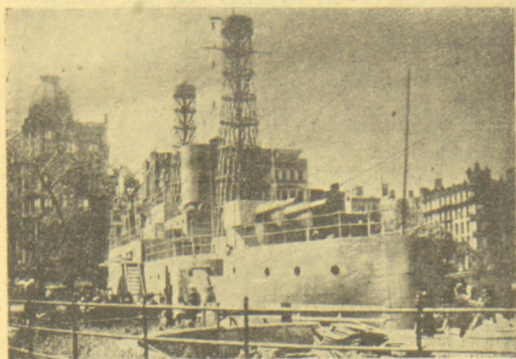


Refugios construidos pelos soldados fran- ezes para evitar o bombardeamento dos allemães

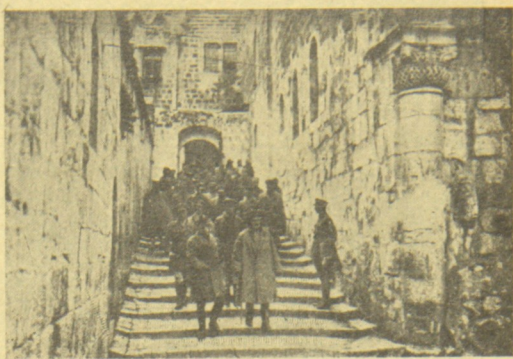


Quartel general servio perto da linha de fogo.

A "Ilustração Catholica" no Estrangeiro



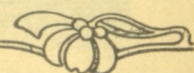
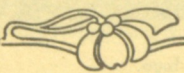
Couraçado de madeira construído em Nova-York para serviço da aprendizagem da marinha americana.



O duque de Connaught e a sua comitiva visitando o Santo Sepulchro em Jerusalem.



O duque de Connaught e seus companheiros ingleses visitam a mesquita 'de Omur em Jerusalem.



Castellos desfeitos...

A MEU IRMÃO DAVID

Alcei forres no ar sem fundamento...

.....
Diogo Bernardes.

Passei na vida a erguer, no ar, no vento,
Mil castellos de sonhos e ventura,
Onde nunca chegava a Noite escura,
E aonde eu encerrava o pensamento...

Do esquerdo flanco um torreão de intento,
Erguia-se a expandir luz e doçura,
Do outro donaire só, e formosura,
E oiro a reverberar conteúdo...

Dentro d'elles preendi tudo que tinha:
O Amôr, a Esperança, a vida minha,
Em salões ataviados e perfeitos...

Mas um dia acordei... E esse Amôr,
A Esperança, as illusões, — tudo sem dôr
Se foi com os castellos meus, desfeitos!...

Santo Thyrso, 1918.

Abilio Francisco Ferreira.

Alma familiar

Sinto a caricia d'umas mãos nevadas
E o perfume d'uns labios a rezar,
— Quem será?... — Quem será?... Sob o luar,
Ha o silencio das horas arrastadas.

Mas se me encoslo e os olhos fecho, aladas
Visões brancas transportam-me ao meu lar,
— Oh!..., o suave e doce recordar
Nas trincheiras solemnes e caladas...

Vem receber-me toda a minha gente,
Quasi sorri um coração doente
Ao fim d'esta romagem da saudade.

Mas ouço a tua voz tão dolorida...
— Oh, minha mãe! não vale a minha vida
As lagrimas da tua anciedade.

1918.

Aux Tranchées

M. Pestana Reis.

Anecdotas • historicas

Ditos • e • pensamentos

Frederico II e o soldado

Frederico II, rei da Prussia, visitando uma noite os seus postos avançados encontrou uma sentinela dormindo e, cheio de furor, deu-lhe algumas bengaladas.

— Infame! assim cumpres a tua obrigação?!

O soldado tentou desculpar-se com o muito serviço.

— Nada te pôde desculpar, e protesto-te que ou tu has de morrer enforcado ou eu...

Entregue ao conselho de guerra, o soldado foi condemnado á forca. Pediu para fallar ao rei, a quem disse:

— Senhor, vossa magestade protestou que ou eu ou vossa magestade havíamos de ser enforcados. Venho, pois, se vossa magestade o quer ser porque então não haverá remedio senão se-lo eu.

Frederico II riu e perdoou.

O heroi de Diu

Rumecão, general turco, mandou a D. João Mascarenhas, governador de Diu, um certo Simão Feio propôr capitulação porque a fortaleza estava quasi arrazada e que aproveitassem a ocasião de salvar as vidas para o que lhes dava os navios para a sua passagem. D. João Mascarenhas respondeu:

— Fortaleza onde estejam portuguezes não ha mister muros, no campo raso defenderemos esta do poder do mundo, as ruinas da fortaleza espero repara-las com cabeças de turcos, se nos faltarem mantimentos iremos busca-los aos vossos arraiaes, e quando nós quizermos passar o faremos com a espada na mão. E tu, se cá voltas, serás espingardeado.

Á firmeza e decisão d'este grande portuguez se deve a conservação de Diu.

Martins de Freitas

O regente do reino, D. Affonso, intimou a cidade de Coimbra a render-se, o governador resistiu tenazmente, heroicamente. Quando chegou a noticia da morte de D. Sancho II em Toledo, o regente avisou Martins de Freitas, que, para certificar-se, pediu um salvo conducto para ir áquella cidade. Lá chegando mandou abrir o caixão do seu rei e depositou-lhe as chaves de Coimbra na mãos, dizendo:

— Por vós, eu, a guarnição e o povo de Coimbra temos soffrido as mais horriveis privações. Agora que deixaste de viver poderemos reconhecer a D. Afonso por nosso soberano.

Retomou as chaves dirigindo-se para Portugal a entrega-las a D. Affonso, que não só lhas confiou novamente mas ainda o dispensou do juramento de fidelidade.

Malicia franceza

Achando-se em Paris Carlos V e sahindo a passeiar pelas ruas com Francisco I succedeu passar um padre que levava o viatico a um enfermo. Diz o rei de Hespanha:

— Que é isto?! Assim sae em França o rei dos reis! Na Hespanha nunca sae o Senhor sem um grande acompanhamento.

Respondeu o rei de França:

— Não admira, pois como ha muitos moiros e judeus, necessario é acompanhá-lo para o livrar dos seus insultos. Cá não carece d'isso porque todos o veneram.

Decepção



O pretendente: — Espero que V. Ex.^a não pensará que uma senhora, que foi casada uma vez e enviuvou, não deve tornar a casar.

A viuvinha: — Ah! não, com certeza. Minha querida mãe foi casada tres vezes e eu tenho esperança de lhe seguir o exemplo...

LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29 Telegramas:—**ORUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidrotapeuta *Mgr. Kneipp*.

EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.

EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.

EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*

Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—*Utensilios e modelos para desenho e pintura*—**Agencia de Publicações.**

Vago

Contra riscos de guerra terrestres
e marítimos, grèves, e tumultos em mobilias
e edificios particulares, segura a Companhia
Luzo-Brazileira de Seguros

SAGRES

Séde — Lisboa, Largo S. Julião
10-2.º—Tel. Exp.º C. 2961. Tel. da Direcção:
C. 2657. Banqueiros: Pinto & Sot-
to-Maior. — Agente em Braga, Amares, Povoa
de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

Manuel da Concelção Roza

Largo do Barão de S. Martinho — BRAGA.

Luneta de Ouro

Officinas de esculptura, encadernação e concer-
tos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagens, paramentos, har-
moniums, oculos, pinoenes, binoculos, cutelaria,
optica e artigos de phantasia.

Aurelio Monteiro & C.ª

Rua de Ouvidor, n.º 123

Caixa postal 1548—RIO DE JANEIRO

Telephons 5593, Norte

«Illustração Catholica» vende-se nesta casa
Numero avulso 300 rs. (moeda brasileira)

Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legadós, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com summa brevidade e maxima economia.

Tem annexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos Echos do Minho, e officinas de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição, e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P. Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA